

Apresentação

Como relevante contributo aos estudos da área de Letras, Linguística e Artes, apresentamos mais um número da revista *Via Litterae* à comunidade acadêmica. Aproveitamos para agradecer aos vários autores (brasileiros e estrangeiros) que confiaram à *Via Litterae* a divulgação de suas pesquisas.

Iniciando a primeira sequência do número, que compreende os artigos de Língua Portuguesa, Alexandre Costa, em seu texto “Ensaio sobre a desrazão dialógica: apontamentos sobre uma ontologia da compreensão”, trata dos paradoxos decorrentes da assunção radical de uma perspectiva bakhtiniana na formação do professor e no trabalho escolar. Para isso, o autor reflete sobre a angústia axiológica resultante da percepção do conflito entre o comentário de autoridade e o acabamento estético da assimetria institucional e sua legitimidade no âmbito do trabalho acadêmico e na profissionalização docente. Dessa reflexão, Costa deriva a noção de uma “ontologia da compreensão” e sua relação com os eixos epistemológicos das práticas escolares.

No segundo artigo, intitulado “Como funcionam alguns fonemas no aplicativo *Balabolka*”, Edio Roberto Manfio toma como ponto de partida o salto dado pela tecnologia na área da computação, a partir da segunda metade do século vinte, que possibilitou avanços consideráveis nas quatro mais importantes áreas de processamento de sinais da fala: síntese de voz, reconhecimento de voz, autenticação de voz ou comandos e controle por voz. O objetivo proposto pelo autor é, a partir de dados obtido com o aplicativo *Balabolka*, comentar sobre uma das quatro áreas citadas: a síntese de voz e sua relação com outras disciplinas.

Em “Marcadores de pessoa, acessibilidade cognitiva e coesão textual”, Eduardo Penhavel apresenta uma análise tipológica das funções coesivas das formas de pessoa, a partir da análise que Siewierska (2004) faz do papel dessas formas no processo de marcação de acessibilidade cognitiva. Penhavel procura mostrar que duas funções principais podem ser distinguidas: (i) o uso remissivo das formas de pessoa, constituindo cadeias referencias e propiciando coesão referencial ao discurso; (ii) o uso contrastivo entre diferentes formas de pessoa e entre essas e outras formas referenciais, propiciando a marcação de diferentes unidades textuais e, assim, a coesão sequencial do discurso.

O artigo “Educação linguística, história, historiografia e prática docente”, de José Everaldo Nogueira Junior, lança luzes sobre os aspectos teóricos envolvidos na reflexão da História, Historiografia Linguística e Educação Linguística. O cerne no texto de Nogueira Junior é uma proposta de tradução em prática efetiva de sala de aula daqueles postulados teóricos vistos e revistos nas cadeiras universitárias em todos os níveis de formação superior, um pouco na graduação, mais na especialização e ampliados nos cursos de mestrado e doutorado. Essa transposição didática é importante para que se diminua o fosso entre o que se aprende nas

universidades e o que se ensina nas escolas de Ensino Fundamental e Médio.

No trabalho “Educação e divisão de classes sob uma perspectiva histórica e marxista”, Kelly Ferreira dos Santos apresenta aspectos da Educação, em uma sociedade dividida em classes. A autora lança mão de estudos de importantes teóricos como Ponce (1986), Aranha (1989), Rodrigues (2004) e Brandão (2007), com base nos quais traça uma síntese histórica do desenvolvimento da educação e da luta de classes. Fazem parte desse trabalho algumas análises de tiras dos personagens Calvin e Haroldo, de autoria do norte-americano Bill Waterson. Essas análises levam em conta os temas abordados e as características do gênero textual analisado.

Marco Antônio Rosa Machado, em seu artigo intitulado “Notas sobre a questão da referência: algumas contribuições da reflexão filosófica para os estudos da linguagem”, propõe uma discussão acerca da noção de referência, situando-a em relação aos estudos da linguagem. Para tanto, o autor toma algumas teorias da filosofia da linguagem e da linguística como base para a delimitação de seu objeto de investigação. Encontra-se presente, na discussão ali proposta, a explicitação da relação dialética entre linguagem e exterioridade, com ênfase nas implicações de diferentes abordagens sobre a referência para a linguística contemporânea.

“Inserções parentéticas no *corpus* do Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso”, de Marigilda Antônio Cuba, é um texto em que são analisadas as inserções parentéticas encontradas na fala dos habitantes da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, sob a perspectiva textual-interativa. A pesquisa relatada nesse artigo teve como corpus o Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, produzido pela autora em seu curso de Mestrado, de onde foi extraída uma narrativa referente à questão sobre lendas conhecidas. A narrativa selecionada conta a história de duas mulheres que se apaixonaram por um padre e se transformaram em mula-sem-cabeça.

A artigo seguinte tem como título “O uso dos recursos midiáticos no ensino de língua estrangeira à luz da pedagogia crítica da mídia”. Nele, Raquel Silvano Almeida e Tereza Kazuko Teruya discutem as demandas que emergem dos avanços científicos e tecnológicos no ensino de língua estrangeira e as interfaces com os princípios da Pedagogia Crítica da Mídia. Segundo essa abordagem, é importante que se articule a metodologia do professor com os recursos midiáticos utilizados na formação do aluno, com vistas ao desenvolvimento da capacidade de se fazer uma leitura crítica dos conteúdos veiculados nas mídias disponíveis.

Finalizando a seção dedicada aos estudos linguísticos, no texto “Entre o discurso e a prática: análise de gêneros textuais em um livro didático de português como língua materna”, Shelton Lima de Souza e Samara Zagarra de Freitas apresentam uma análise do livro didático “Português Linguagens”, de Cereja e Magalhães, realizada a partir de questões referentes aos aspectos metodológicos, sua relação com a proposta dos PCN e os estudos de gêneros textuais. A investigação analisa as concepções teóricas expostas pelos autores do livro didático estudado e a concretização dessas concepções nas atividades propostas.

Dando início à seção de Teoria Literária deste número, André Luis Mitidieri e Josimare Francisco dos Santos, em “Leituras femininas, protagonistas de

Machado”, abordam as representações de práticas de leitura femininas e a formação do leitorado oitocentista brasileiro. Para os autores, as personagens ficcionais dos romances de folhetins representam um tipo de estratégia para aprimorar o gosto pela leitura literária entre as mulheres burguesas do século XIX brasileiro. Por intermédio da fortuna crítica dos “romances de leitoras” escritos por Machado de Assis, os autores inferem que os romancistas aproveitavam os espaços de veiculação oferecidos pelos jornais como meios de alcançar novos perfis de leitores, mais especificamente, o público leitor feminino. A pesquisa fundamenta-se em estudos sobre a leitura feminina no Brasil do século XIX e em trabalhos críticos sobre narrativas romanescas de Machado de Assis, principalmente, *A mão e a luva* e *Iaiá Garcia*, bem como nas reflexões de Antonio Candido (2000), Hélio de Seixas Guimarães (2004a; 2004b), John Gledson (2006), José Guilherme Merquior (1977), Márcia Abreu (2003), Roberto Schwarz (2000) e Suzan Pravez (1981).

Benito Petraglia, em seu texto “Terpsícore: dançando diante de meus olhos”, examina o conto “Terpsícore”, de Machado de Assis, a partir da regência do olhar e de sua linguagem plástica. A esse respeito, ressalta Petraglia que o emprego de expressões ou metáforas concretizantes não é exclusividade de “Terpsícore”. Elas são empregadas também em outras obras do escritor. No entanto, defende o articulista que a profusão de tais expressões e metáforas nesse conto lhe confere um traço característico de linguagem: sua visualidade, estabelecendo-se, por conseguinte, uma homologia entre forma e conteúdo, isto é, entre aquela característica de linguagem e as manifestações do olhar, como a dança e as aspirações do desejo sensual.

Já no artigo “Onde está o não-lugar? Um percurso em busca da utopia”, Geraldo Witeze Junior procura estabelecer uma delimitação da utopia enquanto gênero literário, considerando também sua dimensão como projeto político e social. Para tanto, analisa diversas obras de autoridades no assunto, mostrando abordagens variadas, que podem inclusive ser contraditórias. Em seu texto, o autor trata de explicitar a fecundidade do pensamento utópico, deixando claro que há muitas possibilidades de análise. Procura igualmente fugir do senso comum sobre as utopias, na medida em que aprofunda o debate.

Em “Policarpo Quaresma e o triste fim da utopia nacionalista romântica”, Izabel Cristina Cavalcanti Cruz e Fausto Calaça assinalam que os anos que se seguiram à Revolução Francesa foram marcados por um grande entusiasmo nacionalista que ultrapassou os limites do continente europeu e chegou ao Brasil, onde o ideal romântico-nacionalista manifestou-se na exaltação da natureza brasileira, no retorno ao passado histórico e na criação do herói nacional – o índio. Entretanto, a problematização da utopia nacionalista romântica emerge com o cientificismo, já disseminado, no Brasil, a partir da década de 1870, e adquire destaque no alvorecer do século XX, por obra do movimento Pré-Modernista. Entre os intelectuais que buscaram desmascarar o logro romântico destaca-se Lima Barreto. E é por meio do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* que se evidencia o melhor desempenho limiano no que toca à elucidação dos problemas advindos do idealismo construído pelo projeto romântico.

Em seu artigo “El sincretismo como retórica en *Orfeo negro*, de Marcel

Camus”, Luis Roberto Vera busca revisar o filme francês *Orfeo negro*, dentro da perspectiva de uma releitura do sincretismo afro-brasileiro e de como este é representado por meio do mito grego, no contexto do carnaval carioca. Ao mesmo tempo, o autor propõe uma revisão dos pressupostos e interesses teóricos do estado de arte da estética dos meios: a definição dos conceitos binários de imaginação/ilusão e narração/documentação, assim como o marco epistemológico mais amplo da condição humana. Traçado esse contexto, o artigo se dedica a desvendar os recursos cinematográficos pelos quais Marcel Camus apresenta o sincretismo em seu filme.

Em seguida, Luiz Gustavo Leitão Vieira, no texto “A ironia de Ares”, analisa um aspecto em particular da *Ilíada*, aqui compreendida como arquétipo de narrativa de guerra na literatura ocidental. O artigo aborda a inescapável lacuna existente entre a guerra idealizada e a guerra real, o que pode ser denominado de “a inerente ironia da guerra”. Nesse âmbito, assinala o autor que o desenrolar de todo e qualquer conflito armado se mostra sempre pior que o esperado – a idealização da guerra não resiste à concretização da guerra. Essa característica de conflitos armados pode ser localizada mesmo na representação homérica da Guerra de Troia, que usualmente é vista meramente como uma arena para obtenção de glória em combate.

Em “Modernidade e Literatura: a presença do (ex)cêntrico na narrativa de Cora Coralina”, Maria Eugênia Curado, ao tematizar as poéticas da modernidade, ressalta que a modernidade é um tema que nunca se esgota e problematiza a contemporaneidade. Em seu ensaio, a autora focaliza a prosa curta de Cora Coralina, argumentando que esta, ao romper com a tradição, recorda a figura do marginal, do (ex)cêntrico, do pária, e se identifica como narrador do universal, apontado as características das poéticas da modernidade que se configuram no texto coraliniano.

Encerrando o ciclo das discussões literárias, Tatiana de Freitas Massuno, no artigo “Fausto: tragédia subjetiva”, dedica-se a investigar a forma como o poeta português Fernando Pessoa se apropria da temática fáustica goetheana pelo viés do trágico. Busca, assim, desvendar o que o drama poético autointitulado “Tragédia Subjectiva” revela sobre a conexão estabelecida entre Fausto e a ideia de tragédia. Desta forma, a autora suscita questões sobre a tragicidade de Fausto e a ideia de conciliação, uma vez que o próprio poeta português entende que o drama concebido seria encerrado por uma luta entre Inteligência e Vida.

Encerram este número duas resenhas: a primeira, do livro *Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo* (Jean-Paul Bronckart e Cristian Bota), feita por Diego Gomes do Valle; a segunda refere-se ao livro *Cognição e linguagem: perspectivas interdisciplinares* (organizado por Lélia Erbolato Melo). Desnecessário comentar o interesse que essas obras suscitam, já que ambas tratam de temas altamente debatidos atualmente: o círculo de Bakhtin (cuja discussão apresentada por Bronckart e Bota já convoca à leitura a desde o título) e a necessária abordagem interdisciplinar das relações entre linguagem e cognição, apresentadas no livro organizado por Melo.

Tendo em vista o interesse dos textos aqui apresentados para as diversas abordagens dos estudos linguístico-literários, desejamos a todos uma boa leitura!

Os editores.